

Reflexões Sobre a Sedução

Reflections on Seduction

Donaldo Schüler¹

Sobre o poder da sedução, observa-se acordo desde Platão até Baudrillard, a divergência reside na importância atribuída a corpos experimentados. Habitados a freqüentar imagens fugidias, nossa liberdade se limita à escolha entre um vulto e outro. Se uma superfície reveste outra, empenhamo-nos em remover véus. Digamos que a última camada recubra nada. Experimentamos o nada, não além dos corpos, mas entre os corpos. O nada é a fronteira entre um e outro, a condição de movimento de um a outro. Seduzidos, trocamos um corpo por outro. O movimento conserva-nos à tona do abismo, provoca prazer.

Em lugar de negar o aparente, fazemos escolhas no aparente. Pôr em xeque atinge o centro da masculinidade no jogo de xadrez, o rei, símbolo do poder. Sem o rei, cuja ação não excede em quase nada a de um peão, a partida está perdida. As figuras (torres, cavalos, bispos e peões) defendem um centro fraco, que só aparece na iminência da morte. Xadrez é um jogo de inteligências armadas em torno do vazio. As intenções do adversário se descobrem no lance. O adversário inteligente desperta inteligência. O que o feminino coloca em xeque? Precisamente aquilo que orgulha o homem, a profundidade. Uma velhinha riu-se do primeiro filósofo, Tales de Mileto, perplexo ao cair no buraco. A força do homem revela-se na queda. Se na divisão de papéis a aparência caracterizar a mulher e a profundidade o homem, a iniciativa cabe à mulher.

A realidade não se contrai ao aparente, o cosmético. Sem a pele o cosmético não encanta. Na camada de superfície reverberam as demais. O revestido seduz, e não o gratuitamente oferecido. Erótico é o gesto libertador. Sem o feminino o homem não sairia de si mesmo, não teria em que se aprofundar. Afastada a sedução do revestido, a exploração não se desencadeia. Na superfície sonhamos com profundidades, percam-se elas nas alturas ou desçam ao insondável desde o piso que sustenta os passos.

¹ Doutor em Letras e Livre-Docente pela UFRGS e pela PUCRS. Professor titular aposentado em Língua e Literatura grega da UFRGS. Professor do Curso de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS. Realizou estágio de pós-doutorado na USP, concluído com a publicação do trabalho Eros: dialética e retórica. E-mail: donaldoschuler@yahoo.com

Com raciocínio de sofista, Baudrillard retoma a retórica sofisticada. Dá força ao argumento fraco: falo não é força (como quer a psicanálise), é fraqueza. Na verdade, o falo falha diante da falta, o feminino, o abismo, o nada que é tudo. O feminino chama do fundo das águas (Iara) e dilacera os incautos. O que é o nada? É o lugar em que os limites se apagam. Esqueçamos o nada absoluto, pensemos no nada relativo. Relativo a quê? Aos limites, à profundidade. Nada mais profundo que o nada. E no nada a vida se regenera. O nada não pode falir. Só o falo como símbolo de poder é capaz de falência. O nada lhe dá existência. O que é o falo senão um traço riscado sobre nada. A força da mulher está no lugar em que os limites ruem. A morte e a renovação ocupam o mesmo lugar. Lacan: amar é dar o que não se tem. Essa tese fundamenta-se em Sócrates. O Bem procurado por Alcibíades está além de Sócrates, atravessa-lhe o corpo, como se o mestre fosse um lugar de passagem nos moldes da mulher. D. Juan desfilava como um guerreiro, como um aventureiro forte, oferecendo o que não tem, inferno para as seduzidas. Não somos mais que indícios do infinito. O falo falha para que o infinito apareça.

O sexo produz discurso mesmo quando vigiado, notadamente quando vigiado. O investigador requer prestação de contas. Quer inventado, quer próximo aos fatos, o discurso se articula. As palavras nascidas da investigação abrem rotas à invenção, à expressão do sonho, à arquitetura de mundos não submissos às leis que atrelam à necessidade. O discurso desprende o sexo da procriação e o oferece aos arroubos da imaginação. Acolhido pela elaboração verbal, o sexo descobre a amplitude dos seus mistérios. A palavra erotizada embeleza a vida. Não há reportagem (*rapport*), não há relação sexual, e por não haver, o relato se produz, a relação se produz.

A sedução opõe-se à produção, é mais forte que o poder, afirma Baudrillard. Sobre isso refletia Hesíodo quando elaborou o mito de Orfeu. Prometeu, o industrioso, advertiu o irmão, Epimeteu. Que não aceitasse nenhuma dádiva dos deuses! O incauto não resistiu aos encantos de Pandora, a mulher que os deuses lhe ofereceram, ardilosamente produzida. Estão aí as duas forças que movem o mundo: a indústria e o prazer. Quem suportaria o trabalho sem o repouso da festa, da poesia, do encanto? Arte e trabalho, unidos, sustentam a vida. A sedução afrouxa os braços dedicados a obrigações para dispô-las a inusitadas invenções.

O que interpretar numa superfície em que a luminosidade apaga o mistério? A interpretação é solicitada pela linguagem oracular. A sedução propõe a competição entre o velado e o manifesto. Transcorre numa partida de apostas. Ganhar ou perder. Ganhos se fazem perdas, e perdas revelam ganhos. A resistência aperfeiçoa as estratégias do intérprete. O prêmio não está numa verdade oculta, mas na energia que o jogo desperta.

Milton entende que a sedução joga com a solidão. Adão solicita a mulher por sentir-se só. Sonhava com uma união indissolúvel, e a mulher se afasta. Eva encontra outro interlocutor. Por mais prazerosa que a presença de Adão seja, o único companheiro não lhe basta. A divisão que comanda o afastamento de Eva já estava presente em Adão, a mulher lhe foi extraída de sua carne, de seus ossos. Ao contrário de Deus, o absoluto (o totalmente só), Adão não se sentia contente consigo mesmo. Por não ser mais do que uma parte diminuta do todo, o universo, a começar pelo mais próximo, se distanciava. Eva se afasta de Adão para encontrar-se consigo mesma. Queria sentir-se produtiva sem a vigilância de Adão. Não seria inteiramente dela uma obra que não fosse determinada por sua própria iniciativa. Pela vontade de Adão, a unidade humana partiu-se em dois. Como conter a partir daí o processo da pluralização? A perda da unidade primitiva se dá passo a passo: do um ao dois, do dois ao indeterminável. Inumeráveis são os caminhos, inumeráveis são os homens que os trilham, inumeráveis são as opções e os optantes, incontrolável é a angústia.

Não lhe bastando os seres que sabiamente nomeara, Adão pede alguém que lhe fosse semelhante. Como poderia adivinhar que a semelhante, por mais próxima que estivesse, procuraria distâncias em que pudesse estar consigo mesma? A divisão, uma vez começada, não tem fronteiras. O sexo, por seccionar, aproxima e afasta. Quem se afasta, oculta-se, engana. A sedução em quem engana oferece revelações cultivadas na solidão.

Novo universo abre-se à Eva. Ela que já tinha elegido ficar só vê-se constrangida a escolher entre a ciência e a inocência. Nascida na inocência, Eva expõe-se conscientemente ao risco e sucumbe. Enganada, a mãe da humanidade renasce iluminada e infeliz.

Como enganar sem ocultar? A estratégia esconde forças que o agressor afoito ignora. O engano desperta a inteligência. Ganham o enganado e o enganador. Assim foi no princípio. O tentador, escondido na Serpente, enganou Eva. Inexperiente como era, como poderia Eva negar ao réptil o dom da fala? O enganador agrediu com ardilosas artimanhas. Disse que a

iluminação lhe viera ao provar o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Se o vegetal interdito tinha o poder de levar um animal à condição humana, como não ergueria o homem à esfera dos deuses? Esse argumento, registrado por Milton no *Paraíso Perdido*, brilha com vigorosa persuasão. Como esperar que o sedutor recuse recursos que lhe garantam a vitória? O engano é a espada do sedutor.

Havia uma linguagem só, a de Adão e coincidia com a de Deus. O Criador aprovou os nomes dados aos animais pelo ente em cujas narinas soprara a vida. Na boca da Serpente soam pela primeira vez palavras diferentes das convencionais. Qual é a natureza desse discurso? A diferença entre o ser e o dizer. A palavra de Deus e a palavra da Serpente dizem coisas diferentes da mesma realidade. Só agora a sedução é possível, só agora a mãe da humanidade está diante de uma fala que a pode tirar do caminho. Qual é o caninho? A partir de agora fazer é escolher. Eva é o juiz. Diante de afirmações contraditórias, uma é boa, a outra é má. A contradição confrontou Eva com o bem e o mal. A seduzida perdeu a inocência antes de provar o fruto proibido. O dilema se propaga. A escolha entre o Criador e a criatura movimenta-lhe o braço. O seduzido opta pela oferta da carne de sua carne. Tomar outra decisão seria recair na solidão. Ele prefere a proximidade da companheira, sejam quais forem as conseqüências. As folhas que passam a cobrir a pele correspondem às palavras que revestem o nomeado. Vestindo ou falando, revestimos corpos nus. A superfície esconde, seduz.

A sedução vem da Serpente, criatura monstruosa. Monstruoso é o estranho, o saber estranho, o não-familiar. A sedução é forte. Familiarizado, o monstruoso deverá desaparecer. Recuar seria cultivar o pesadelo que só se desfaz na proximidade.

De Israel à Grécia, a mulher, de seduzida, passa a sedutora. Isso acontece no alto do Ida durante o calor da campanha argiva contra Tróia. Hera, partidária dos gregos, empenha-se em anular a vigilância de Zeus, temporariamente interessado em castigar os atacantes. O pai dos deuses e dos homens, arrebatado pelos encantos femininos, esquece a guerra para abraçar a esposa, empenhada em tirá-lo do conflito. A sedução, mais forte que o dever, desdobra, no amplo cenário de relva, flores, vales e montes, fantasias que elidem a violência dos combates.

O vazio seduz quando o sem-sentido da superfície não persuade o intérprete. O absurdo só se detecta quando confrontado com a concatenação lógica. A cadeia de causas e

efeitos sofre a afronta de acontecimentos que não se subordinam a ela. Daí o absurdo. Do confronto de seres hostis à cópia, saltam elipses, significantes sem significado, referentes sem referência. O inusitado seduz. O pleno cria a sensação do vazio, sem a noção do pleno, o vazio não existe. O absurdo é criado pelo lógico, pela logicidade perdida.

Ser seduzido é ser desviado de sua verdade, adverte Baudrillard. Como poderíamos ser desviados da verdade se não partimos de um ponto localizável nem somos destinados a uma meta predeterminada? Pluralizemos a verdade. Inumeráveis são os fatores que nos determinaram. A verdade se desvela no roteiro aos alvos que nós próprios estabelecemos. Desviados de uma verdade, perseguimos outra. Sem verdade não se vive. Somos seduzidos e respondemos à sedução. Nessa tensão, verdades acontecem. Quem nos garante que a vereda escolhida é a verdadeira? As outras veredas não nos deixam adormecer.

Digamos que o inconsciente é segredo de um segredo. Do segredo temos consciência, do inconsciente não. Fiquemos com a etimologia. Inconsciente é o que não é consciente. Como tal, o inconsciente com seus segredos é reserva da consciência. Não haveria inconsciente, se tivéssemos consciência de tudo. Tenho consciência muito limitada do que está acontecendo agora e não consigo revelar o que percebo. A reserva é fonte do dizer e do fazer. Recolho no discurso parte diminuta da reserva. A publicidade fomenta o segredo. Promessas de candidatos ocultam a vontade de poder, a generosidade da oferta oculta as vantagens do ofertante, a ação militar oculta as intenções do agressor.

A morte é o abismo, a sedução nos mantém à superfície. Agarramo-nos ao que nos encanta. O engano é nossa salvação. Desfeita a ilusão, damos com o rosto da morte. Jogamos quando escrevemos, dançamos, pensamos. Jogamos quando corremos, caminhamos. Jogamos quando cantamos e amamos. De atividades livres só participamos seduzidos. A morte nos faz resistentes, criativos. O que nos cerca são muralhas erguidas contra a morte.

Baudrillard nos envia ao *Diário de um sedutor* de Kierkegaard. Entremos no enigma. O narrador declara Cordélia, a jovem seduzida, substância do diário. O aventureiro, Johannes, ostensivamente intelectual, longe de agir como sedutor vulgar, excluía a posse. O sedutor a comoveu até ao sacrifício do que tinha de mais caro. A paixão ferosa dele a fazia tremer. Sensível à música, ele era um instrumento incomparável, vibrante. O narrador recorda uma das últimas cartas de Cordélia ao sedutor. A seduzida conta uma fábula de ressonância

bíblica. Um homem rico possuía numerosos rebanhos de bois e ovelhas. A jovencinha tinha de seu – era essa toda a sua riqueza – um só cordeirinho que comia de sua mão e bebia de seu copo. A pobreza da moça, cujos bens se reduziam a um único amor (o noivo que a adorava), contrastava o brilho do sedutor, admirado, livre. Sem nada sacrificar, Johannes arrebatava o pouco que ela tinha, os sentimentos que ela oferecera a outro, transformando-a num brinquedo. Cordélia, ao concluir, repete melancolicamente a frase de abertura: um homem rico possuía bois e ovelhas em grande número, uma jovencinha pobre não possuía mais que seu amor.

Raciocina o sedutor com frieza satânica: Deus criou a mulher enquanto Adão dormia, logo, a mulher é o sonho do homem. Só o amor desperta a mulher. Visto que ser se manifesta apenas através de outrem, a mulher não deriva a existência de si mesma. O homem demanda, seduz e liberta; a resposta da mulher se dá na escolha. Johannes, o sedutor, define sua função frente a Don Juan. Enquanto o aventureiro espanhol hasteia o prazer de possuir, o sedutor kierkegaardiano triunfa ao abandonar. O que ama o amor? O infinito. O que teme o amor? Fronteiras.

Entendamos o raciocínio do sedutor. A tranquilidade doméstica debilita. O conforto semelha a morte. Desestabilizar é o benefício que o sedutor confere. Substituir uma garantia por outra seria reiterar a letargia. Seduzida, a mulher desperta da paz para o conflito que oferece à escolha possibilidades infinitas. A dialética platônica conduz os erastas (enamorado) a um único objeto, o Bem. A angústia kierkegaardiana educa os seduzidos para decisões indefinidas e infundáveis, sem fronteiras. Existir é escolher, acomodar-se a uma das escolhas é sucumbir. Seduzir e abandonar significa redimir adormecidas para a vida. Apaixonado e separado do objeto da paixão, Johannes está maduro para declarar à mulher dos seus sonhos: somos mais fortes que o mundo, somos até mais fortes que os deuses.

O caminho da sedução que no pensamento de Kierkegaard leva dos sentidos ao infinito está barrado em Agostinho. Embora combata o maniqueísmo, o bispo de Hipona rompe a unidade corpo e espírito. Alinha a sedução numa hierarquia de sentidos. Mais severa do que a sedução das narinas, é a sedução dos ouvidos. Agostinho a teme tanto que desejaria desterrar todas as melodias suaves, incluindo as eclesiásticas. Enquanto a solicitação aos ouvidos vem apenas da melodia suave, uma multidão de encantos solicita a vista: vestidos, calçados, vasos, pinturas, esculturas. O combate à sedução do olhar expandiu o movimento

iconoclasta. Quando muito admitiam-se símbolos (a pomba, o peixe, a águia, o leão) ou os severos e rígidos ícones do Oriente, cuja geometria repelia curvas que pudessem suscitar sentimentos lúbricos. Macerava-se o corpo para que o espírito pudesse voltar-se a Deus. Não se concebia convivência harmoniosa entre a concupiscência da carne e o único prazer legítimo do espírito: Deus.

O conflito entre a sedução do corpo e os pendores da alma começa a extenuar-se na pintura de Giotto que congrega anjos e seres terrestres no mesmo baile de cores e de formas. O pincel de Leonardo da Vinci leva o brilho do espírito ao livre movimento de cabeça, tronco e membros. Preparado está o cenário que permite na sedução cotidiana rotas que levam ao infinito.

No sistema platônico, o sensível era ameaça aos fundamentos só oferecidos à razão. Sócrates é abordado por outro seduzido. Fedro vem da casa de um grande escritor, um dos maiores de sua época, Lísias. Arrebatado pelo discurso de Lísias, Fedro se aproxima de Sócrates, o adversário dos sedutores mesmo no tribunal que o condenou à morte. Os acusadores falavam com tal arrebatamento que, por momentos, perturbaram Sócrates, ele já não sabia quem era embora tivesse consagrado a vida à tarefa de conhecer-se a si mesmo. Envolvendo-o na rede da sedução, Fedro o tira da cidade, lugar da atividade intelectual do mestre, de cujos muros se distanciara só em situação de extrema urgência como soldado. Conduzido por Fedro, Sócrates caminha a uma paragem deleitosa, embora soubesse que a cidade, à beira do abismo, necessitava de sua orientação. Como pode deixar-se seduzir? Foi um momento de fraqueza. Encantado com a paisagem, Sócrates ouve Fedro recitar arrebatado um discurso de Lísias. O discurso agredia o senso comum por sustentar que o não-erasta (aquele que não deseja) supera o ímpeto do erasta. Para Lísias os não-erastas eram livres, sociáveis, tolerantes. O erotismo lhe é aparência, jogo, vida social. Jogo é o discurso que exalta a aparência. Fugindo da dialética, o discurso gira liricamente em círculo, apoiado num refrão. Como não se dirige à razão, o ritmo, as imagens, a sonoridade encantam o recitador. Tomado pela artimanha dos argumentos, o próprio Sócrates, instado a produzir peça de igual valor, passa a condenar os erastas. Ao recuperar-se da vertigem, o pensador reconhece a fragilidade dos argumentos. Como foi possível cair no engodo? Desculpa-se declarando que se maculou de blasfêmia. Quem o alertou foi seu demoniozinho particular, atento a toda sorte de infrações. Eros, sendo divino, não pode ser mau, mesmo que enlouqueça. A constatação obriga Sócrates a abrandar sua intransigência lógica. Não está correto sublinhar que a loucura

é sempre funesta. Para os antigos a loucura divina sobrelevava a prudência humana. Considerem-se as Musas. Quem se aproxima do portal da poesia, certo de que a técnica o tornará poeta capaz, fracassa. A poesia dos loucos ofusca. Divina e venturosa é a loucura dos que se querem. Nada obsta que enlouquecidos pelo belo daqui recordem o verdadeiro belo, fulgurante entre as idéias, o maior dos sedutores.

A psique é comparável a um carro puxado por uma parelha alada – pondera Sócrates – conduzido por um cocheiro. Os corcéis das psiques divinas são puros, mistos são os cavalos das psiques dos outros seres terrestres. Difícil é conduzir o carro. A psique que nunca contemplou a verdade não poderá alcançar a forma humana. Pois a espécie humana, partindo de muitas percepções recolhidas pelo raciocínio, tende ao *eidos*, a unidade. Como os dois cavalos representam tendências da mesma psique, pode-se atravessá-la de um extremo a outro. Não se busque o belo no oferecido aos sentidos. Fazê-lo seria perder-se na indefinição, no movimento. A verdade fundamenta-se no que é eterno, fixo, noção que se aparta do sensível. Não tem sentido preferir um dos cavalos com exclusão do outro. O que vale uma vida só lógica, a que leva uma vida só ébria? A escolha de Agostinho foi pela pureza só pureza. A renascença voltou a aproximar corpo e espírito. A divisão ainda estava na poesia provençal.

Kierkegaard une em Johannes Lísias e Sócrates. De Lísias toma o engrandecimento daquele que não ama. Para manter controle sobre a sedução, o sedutor não deve amar. O que faz o sedutor? Tira da segurança, da falsa segurança, da que tomou o lugar do bem-estar paradisíaco. A segurança, atolada na ética, impede o movimento. O sedutor de Kierkegaard redime, mas não com a razão como Sócrates, redime com a paixão. Socraticamente, o sedutor não se coloca em lugar do bem. O sedutor kierkegardiano pode salvar, mas não se salva a si mesmo, sucumbe à razão.

Não se diga que o monstruoso não seduz. Cordélia, seduzida por um cavalheiro que a abandona, sentiu-se encantada com um monstro. Monstruosa foi a serpente que abandonou Eva na desgraça. Pasífae, a mãe do Minotauro, foi seduzida por um touro feroz, emergido do mar. Os surrealistas, congregados em torno da revista *Minotaure* (Minotauro), viam no mostro forças com raízes no irracional.

Vem-nos outra imagem, a de Nuvoletta, nuvenzinha joyciana que se move no céu sobre todas as contradições. Nuvoletta, em luzilevestes (vestes luzidias, leves), fazendo da abóbada celeste uma Capela Sistina universal para serenar conflitos, espiava do alto, reclinada sobre balaustrelas (balaustres de estrelas). Nuvoletta estava só, escutava enquanto refletia. Tentou em movimentos de vai e vem todas as vias que os quatro ventos lhe haviam ensinado para fazer com que os olhos dos briguentos a contemplassem: agitou os cabelos, curvou os braços, sorriu... O trabalho dissolveu-se em vapor. Os machos, ocupadíssimos com suas notáveis pendengas (políticas, religiosas e metafísicas) não lhe prestaram atenção nenhuma. Nosso critério de valores distribui dificuldades em grandes e pequenas. O breu da noite revestiu o mundão. Era tão escuro que as lágrimas da noite começaram a fluir, duas, seis, sete... Choro e chuva se fundiram numa tristeza só. Nuvoletta sentiu que a arte não era suficientemente forte para atrair homens seduzidos por assuntos gerados por outros desejos.

Os que se empenham em ganhar para a arte crianças marginalizadas crêem como Joyce que a arte minora sofrimentos, conquistando para a invenção energias desperdiçadas na destruição. O que vale mais, a utilidade dos negócios ou a inutilidade da dança? Nuvoletta continua a sobrevoar-nos com gestos sedutores. Seu pranto de dor poderá converter-se, depende de nós, em lágrimas de alegria.

E seduz a propaganda comercial. A aquisição satisfaz quem compra. Não importa o que se compra. Compra-se o que não se usa. Infelizes passeiam pelos centros comerciais os que estão excluídos da compra. Devem satisfazer-se em olhar. Por vezes isso não lhes basta. Resolvem tomar por violência o que não podem adquirir. Atos violentos os colocam à margem do mercado, da sociedade, da lei.